

## ORIGEM E EVOLUÇÃO DO LATIM

ARI OTHON SIDOU

O Português se origina do Latim que, por sua vez, integra a grande família das línguas indo-europeias, entre as quais se encontram o grego, o sânscrito e o hitita.

Do indo-europeu nenhum documento escrito foi encontrado, inexistindo, praticamente, como idioma.

Simple falar de um povo rústico que habitava o centro da Península Itálica, local denominado Lácio, o Latim desempenhou um papel importantíssimo na história da civilização ocidental.

Mister se faz notar que essa bela língua polida e maestralmente manejada pelos grandes tribunos, escritores e poetas foi gradativamente burilada, partindo do primitivismo indo-europeu até atingir o seu esplendor no período áureo da literatura latina.

Mas foi graças às vitórias resultantes do espírito belicoso de seus soldados e em face da organização de seus homens de governo, que os romanos conseguiram ampliar esse enorme império, o qual, no apogeu do seu expansionismo, ia do norte da África à Grã-Bretânia, da Lusitânia à Mesopotâmia.

Estendendo os seus domínios aos mais recônditos pontos das regiões dominadas, os romanos, ao tempo em que difundiam seus hábitos de vida, suas instituições e sua cultura, usufruíam, igualmente, os ensinamentos dos povos conquistados.

A partir do século III a.C. e sob a influência grega, o Latim escrito foi, pouco a pouco, torneado em sua estrutura lingüística, atingindo, no século I a.C., sua mais alta perfeição com Cícero e Cesar na prosa e Virgílio e Horácio na poesia. Em face disso houve um crescente distanciamento da língua literária, posta em prática por uma pequena elite, e da língua corrente, falada coloquialmente pelos mais variados grupos sociais.

Gradativamente o “*sermo vulgaris*” ia se opondo ao “*sermo eruditus*”, sobrepondo-se a este em razão das inúmeras línguas que vão do polido falar profissional até às gírias (*sermo urbanus, plebeius, rusticus, ruralis, quotidianus, castrensis* etc.)

Esse emaranhado de diferentes corruptelas do Latim foi levado para as regiões conquistadas pelos soldados, colonos e homens de governo e progressivamente diversificado num leque de diferentes falares, os quais, no século III, tomaram o nome de línguas românicas.

A conquista da Grécia, do ponto de vista lingüístico, não representou uma vitória dos romanos, uma vez que não conseguiram implantar o Latim no mundo grego; pelo contrário, tal conquista contribuiu para alargar, cada vez mais, a influência helênica em Roma.

Vide Horácio, Epist. 2 156 — 157: “*Graecia, capta, ferum victorem cepit et artes tulit agresti Latio*”. A Grécia vencida venceu o feroz vencedor e introduziu as artes no Lácio inculto.

A conquista romana do Oriente (Ásia Menor, Síria e Palestina) não teve acentuada repercussão lingüística, em face da influência, vizinhança e prestígio gregos.

Ao mesmo tempo em que souberam usufruir, de maneira ímpar, os ensinamentos dos gregos, os romanos difundiam seus costumes, língua e instituições entre os povos vencidos, romanizando-os. Assim foi na Itália, Gália, Hispânia, e na Récia, onde encontraram terreno fértil para impor sua cultura nas cidades e nos campos.

Na Gália, a romanização foi, por demais, profunda em face de terem os romanos enveredado não só pelos grandes centros urbanos como também pelos mais recônditos campos, ministrando em Latim sua instrução e divulgando sua cultura.

Na Bretânia, a romanização foi realizada de forma imperfeita, extremamente limitada e fracionada em períodos descontínuos, o que provocou o esquecimento da língua de seus colonizadores.

No Egito não houve romanização não só em virtude da vizinhança e influência da Grécia, como também por motivos étnicos e climáticos.

Nas províncias do Danúbio, o Latim não encontrou espaço devido à falta de vida urbana.

Na Dácia (hoje Romênia), com a conquista de Trajano, não houve propriamente a adoção do Latim, mas uma verdadeira enxurrada de colonos romanos a tomar posse das terras conquistadas, provocando uma verdadeira mestiçagem lingüística, da qual resultou o Romeno.

Vide Eutrópio, Brev. 7-6: “*Traianus, victa Dacia, ex toto orbe Romano infinitas eo copias humanum transtulerat ad agros et urbes colendas.*” Vencida a Dácia, Trajano para lá transportara do mundo Romano inteiro infinitas quantidades de homens para habitarem os campos e as cidades.

Na África, o Latim, apesar de encontrar campo fértil, graças à passividade do povo e à propagação do cristianismo, não fincou suas raízes e, como tal, foi sufocado pelos falares locais.

Pelos dados supra, podemos concluir que o Latim vulgar, espalhado nessa imensa área geográfica e falado por povos de raças tão diversificadas, jamais poderia manter sua integridade lingüística, unidade esta já debilitada em face das várias comunidades de analfabetos. Entretanto, nos centros urbanos mais adiantados, o ensino do Latim difundia o padrão literário, desacelerando, um pouco, os efeitos da dialetalização.

Com o esfacelamento das normas lingüísticas, a partir do século III, não mais existia unidade, embora relações de gestão política existissem entre Roma e regiões conquistadas. Era a România.

Vários fatores contribuíram, sobretudo, para acelerar o processo da dialetalização.

a) Editto de Caracala, ano 212, estendera o direito de cidadania a todos os indivíduos livres do império, com o que Roma perdeu sua situação privilegiada.

b) Ao instituir a obrigatoriedade do Latim como língua da administração do Império Romano, Deocleciano (284-305) anulou os efeitos dessa medida unificadora ao dividir o império em 12 províncias, estimulando, destarte, a noção de nacionalismos regionais entre os povos conquistados. Em face disto, Roma, sem ter mais o seu poder centralizador, perdeu a hegemonia lingüística.

c) Em 330, Constantino, o grande defensor do cristianismo, transferiu a sede do Império para Bizâncio, a nova Constantinopla.

d) Morto Teodósio em 339, o imenso império foi dividido entre seus dois filhos. O império do Oriente, entregue a Arcádio, teve vida relativamente longa, enquanto o do Ocidente, confiado a Honório, esfacelou-se em sucessivas invasões dos visigodos, ostrogodos, hunos, vândalos etc.

Com a desagregação lingüística, os falares regionais estavam mais próximos dos idiomas românicos do que do Latim popriamente dito. Em fins do século V, começa o período do romance, ou romanço, denominação atribuída à língua vulgar nessa fase de transição.

A partir do século IX, textos escritos nas diferentes línguas começaram a surgir, constituindo-se deste modo no surgimento do grande leque das línguas românicas ou neolatinas, filhas diretas do Latim.

- 1) Francês — século IX
- 2) Espanhol — século X
- 3) Italiano — século X
- 4) Sardo — século XI
- 5) Provençal — século XII
- 6) Rético — século XII
- 7) Catalão — século XII
- 8) Português — século XIII
- 9) Franco-provençal — século XIII
- 10) Dálmata — século XIV
- 11) Romeno — século XVI

Portanto, afirmar ser o Latim uma “língua morta” é, no mínimo, enveredar por um desconhecimento lingüístico. O Latim, diremos melhor, é uma língua em constante evolução. Ainda hoje tem ele emprego, em sua forma clássica, no estudo do Direito e a ele vão buscar arrimo as pesquisas aprofundadas da literatura dos povos evoluídos. A Medicina e a Física empregam o idioma grego antigo na sua moderna nomenclatura, mas a Química tem no idioma latino todos os seus símbolos e a Botânica, as suas classificações. E é graças a esse método que ambas as ciências conseguem perenizar a uniformidade de sua comunicação universal.